

***CURSO INTENSIVO 2022***

The background of the entire page features a close-up of an owl's face, looking directly forward. The owl's feathers are a mix of brown and tan. Overlaid on the owl's face is a large, semi-transparent diamond-shaped pattern in shades of brown and tan. The text is centered over this pattern.

# **Literatura**

## **ITA - 2022**

**Antologia Poética - Carlos Drummond de Andrade**

**Prof<sup>a</sup>. Celina Gil**





# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1 - MODERNISMO DE 30</b>	<b>3</b>
<b>2 - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE</b>	<b>4</b>
<b>2.1 - Características</b>	<b>5</b>
2.2 – Obras	6
<b>3 - ANTOLOGIA POÉTICA</b>	<b>16</b>
<b>4 – EXERCÍCIOS</b>	<b>23</b>
<b>4.1 – Exercícios</b>	<b>23</b>
<b>4.2 – Gabarito</b>	<b>38</b>
<b>4.3 – Exercícios comentados</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>59</b>

## Apresentação

Olá,

Vamos falar hoje sobre a obra Antologia Poética, de Carlos Drummond de Andrade. Para isso faremos uma revisão de Modernismo de 30, um aprofundamento em Carlos Drummond de Andrade e, então, uma análise de sua Antologia.

Vamos lá?

## 1 - Modernismo de 30

A segunda fase do modernismo brasileiro aprimora diversos aspectos da primeira e amplia os temas sobre os quais se debruça, consolidando o modernismo no Brasil. Inquietações filosóficas e religiosas também passam a aparecer com maior frequência. Os principais eventos históricos que marcam esse momento da literatura são:

- A crise da bolsa de Nova York, em 1929.
- No Brasil, a Revolução de 30 promove um golpe de estado e dá início ao **Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas**.
- A Segunda Guerra Mundial, como tudo o que tem de mais marcante: desde os campos de concentração e a perseguição às minorias étnicas, até o lançamento da bomba atômica sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.
- A discussão política no mundo entre capitalismo e socialismo, que daria início à Guerra Fria após o fim da guerra.

### Características da poesia

#### Poesia

- Presença de traços de pessimismo e individualismo.
- Aparecimento de poesia com temáticas filosóficas.
- Crítica social, analisando a realidade com profundidade.

#### Influência da psicanálise

- Investigação do inconsciente e das razões que movem as pessoas.

#### Linguagem coloquial

- Aproximação com a linguagem popular, principalmente por conta da aproximação com as temáticas cotidianas.

#### Liberdade formal

- Mantém-se os versos livres e brancos, ou seja, sem métrica e sem rima, sem preocupação com formas fixas, produzindo poemas sem número de versos regular. Há também liberdade temática, ou seja, a noção de qualquer tema pode ser tratado pela literatura.

## 2 - Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) foi um dos autores mais populares e importantes da segunda geração modernista. Sua poesia é marcada pela **crítica social** e pela **colocação do indivíduo no centro das discussões**. Ele se interroga constantemente acerca das **dificuldades da sociedade burguesa**. Ele é também um dos autores mais populares nas provas.

Drummond nasceu em **Itabira** do Mato Dentro, interior de Minas Gerais. Sua família era dona de fazendas na região que acaba entrando em decadência. Desde cedo, ele se interessou pela literatura. Aos 14 anos ingressou em um colégio interno em Belo Horizonte e dois anos depois foi para Nova Friburgo. Chegou a estudar um tempo no Rio de Janeiro, mas foi expulso após uma discussão com o professor de português, acusado de “**insubordinação mental**”.



Começa a publicar no Diário de Minas em 1921, onde também trabalharia como editor, além de ministrar aulas de Geografia e Português na sua cidade natal. Em 1924, passa por Belo Horizonte, “a caravana a Minas”, um viagem cultural feita por Mário de Andrade, Oswald e Tarsila. Drummond conhece Mário, com quem trocará cartas. No ano seguinte, conclui o curso de Farmácia e funda uma revista literária cuja finalidade é divulgar o Modernismo em Minas.

Em 1928, publica o poema que o tornaria muito conhecido ao longo de sua vida, “**No meio do caminho**”, na Revista de Antropofagia: o popular “No meio do caminho tinha uma pedra (...)”. O poema foi muito criticado por sua aparente simplicidade e pela quantidade de repetições. O poema, encomendado em 1927 especificamente para a publicação na revista Antropofágica, consagrou o autor imediatamente.

Em 1930 publica seu primeiro livro, **Alguma poesia** (1930). Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro, trabalhando como chefe de Gabinete do Ministério da Educação e Saúde, na época liderado por Gustavo Capanema. Capanema apoiou Getúlio e foi Ministro da Educação até o fim do Estado Novo em 1945. Essa relação entre o poeta crítico e o Ministro de Vargas sempre pareceu estranha e incompreensível.

Às vezes pareceu ser um problema para o próprio poeta que, no fim do Estado Novo, aproximou-se do Partido Comunista. Há documentos que provam a intenção do poeta, logo abandonada, de se candidatar a deputado pelo Partido Comunista. Durante dois anos publicou artigos no jornal Tribuna Popular, um veículo de informação de esquerda.

Em 1948, diante da radicalização do Congresso da ABDE (Associação Brasileira de Escritores), Drummond toma uma posição de isenção ideológica entre os escritores. Por conta desse fato, alguns meios impressos ligados ao Partido Comunista associavam a Drummond os adjetivos “traidor”, “reacionário”, “escritor decadente” etc.

Drummond se via, assim como a pedra, no meio do caminho: ele não acredita na desigualdade e exploração pelo trabalho da sociedade capitalista, sem sinal de resolver suas crises; mas as tentativas de implantação de estados socialistas ou comunistas falharam, criando Estados com desigualdades sociais

tão profundas quanto, além de um sistema burocrático que imobilizava os homens. O que Drummond parece sentir é que não há possibilidade de mudança profunda no mundo. De 1945 até 1962, ano de sua aposentadoria, foi funcionário do Serviço Histórico e Artístico Nacional. Ele continuou escrevendo até o fim de sua vida, em 1987.

## 2.1 - Características

Algumas das principais temáticas de sua poesia são:

- O **Indivíduo** é o tema central de sua poesia. Seja o isolamento, o indivíduo que olha para dentro de si, seja a coletividade, a possibilidade de criação de laços e coletividade entre os homens.
- A **incomunicabilidade** entre os homens. Parece cada vez mais difícil alcançar um modo de diálogo entre os homens, que se afastam e se compreendem cada vez menos.
- A **ironia** e o **humor**, muitas vezes advindas da figura do indivíduo que não consegue se adequar à sociedade e às convenções da sociedade burguesa.
- A **preocupação social**, ligada principalmente ao contexto histórico em que vivia: os regimes totalitários do Nazismo e do Fascismo, a ditadura Vargas e a Segunda Guerra Mundial. O conservadorismo e o autoritarismo são constantemente questionados pela poesia de Drummond.
- Temas **filosóficos** ou **metafísicos**, caindo frequentemente num existencialismo. O próprio fazer poético é fruto de investigação, o que faz com que muitos poemas caiam num lugar metalinguístico. O papel do artista no mundo também é frequentemente questionado.
- Homenagens a figuras que ele admira. Tanto outros escritores, como Mario de Andrade, quanto figuras conhecidas, como Charles Chaplin, são frequentemente citados em seus poemas. Há também poemas escritos especificamente para alguém.
- Aspectos **memorialistas**, pensando sobre sua infância e aspectos de sua terra natal. Itabira e Minas Gerais são temas constantes em sua obra.
- No campo da linguagem, há uma maior **liberdade linguística**, usando termos coloquiais, versos livres e brancos. A partir de temáticas nascidas no cotidiano, Drummond faz uso de muitos jogos de palavras ou figuras de linguagem.
- O **amor** é um campo de tensão, tanto abordado a impossibilidade de realização do sentimento quanto a visão erotizada do amor, para além de seus aspectos elevados.
- O eu lírico fragmentado, em descompasso com o mundo, que é eternamente *gauche*.





## 2.2 – Obras

São abordados na Antologia Poética de Drummond poemas de 12 livros. Por isso, é importante entendermos o trajeto do poeta na construção de sua obra. Vamos ver um pouco mais sobre cada um de seus livros. Em cada tópico, já faremos a análise de um poema presente na antologia.

### Alguma poesia (1930)

Percebe-se nessa estreia a influência da primeira geração modernista no que diz respeito à forma: verso livre, coloquialismo, prosaísmo, poemas curtos e poema-piada. A novidade fica por conta dos temas. Drummond traz para a poesia brasileira a gravidade dos novos tempos que o crash da bolsa de valores provocou num mundo que caminhava para a Segunda Guerra Mundial. Desde o início, o poeta mineiro se coloca na posição de intermediário entre um mundo que parecia se dissolver na sua frente e poesia. Essa visão bastante particular, que ele exagera, produz uma série de metáforas e combinações de imagens próprias.

No primeiro livro, o autor aliviava a tensão de um existencialismo pessimista através do humor e da ironia que ele herdou a primeira geração. Os temas que ele elabora nesse primeiro momento vão acompanhá-lo nas outras fases e outras produções. Talvez o traço que melhor distinga o poeta seja o **impasse**. Um dos principais poemas desse livro é justamente aquele que mencionamos anteriormente, **No meio do caminho**.

<p>No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra.</p> <p>Nunca me esqueci desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha uma pedra.</p>	<p>Primeiro, perceba que o poema se estrutura a partir de um erro gramatical: não usamos, de acordo com a norma culta, “ter” no sentido de “haver” nesse caso.</p> <p>A pedra mencionada tende a ser entendida como os obstáculos ou problemas que as pessoas encontram nas suas vidas (o caminho), que podem impedir que essa pessoa siga avançando. A pedra também pode indicar algum momento ou acontecimento marcante para a vida de uma pessoa.</p> <p>Há também uma sensação de cansaço por parte do autor.</p> <p>Alguns teóricos apontaram a possibilidade do poema fazer referência a uma tragédia pessoal da vida de Drummond: ele perdeu seu filho recém-nascido, que viveu apenas meia hora, em 1927. Essa teoria foi reforçada pela semelhança entre as palavras “pedra” e “perda”.</p>
---	--

## Brejo das Almas (1934)

O livro foi publicado no mesmo ano em que Carlos Drummond de Andrade deixa Belo Horizonte e se muda para o Rio de Janeiro para trabalhar no Ministério da Educação. Para além de antecipar aquele registro político e social que veremos com força em *Sentimento do Mundo* e *A rosa do povo*, há um interesse pelo tema amoroso nessa obra. É também a primeira vez que aparece na obra de Drummond um soneto, forma poética que normalmente os modernistas evitam.

O tom da obra é mais decadente, niilista. Fica evidente aqui uma subjetividade desencantada com o mundo. As engrenagens que fazem o desejo e o amor surgirem e uma ironia diante dos relacionamentos amorosos marcam essa obra. Isso fica evidente no poema **O amor bate na aorta**:

<p>Cantiga do amor sem eira nem beira, vira o mundo de cabeça para baixo, suspende a saia das mulheres, tira os óculos dos homens, o amor, seja como for, é o amor.</p> <p>Meu bem, não chores, hoje tem filme de Carlito!</p> <p>O amor bate na porta o amor bate na aorta, fui abrir e me constipei. Cardíaco e melancólico, o amor ronca na horta entre pés de laranjeira entre uvas meio verdes e desejos já maduros.</p> <p>Entre uvas meio verdes, meu amor, não te atormentes. Certos ácidos adoçam a boca murcha dos velhos e quando os dentes não mordem e quando os braços não prendem o amor faz uma cócega o amor desenha uma curva propõe uma geometria.</p> <p>Amor é bicho instruído.</p> <p>Olha: o amor pulou o muro o amor subiu na árvore em tempo de se estrepar.</p>	<p>É importante perceber que esse poema sintetiza bem a visão do amor nessa obra; Há uma visão racionalizada do amor, evidenciada já no título pela menção da “aorta”, artéria responsável por levar oxigênio para o organismo. Ela, como não poderia deixar de ser, sai do coração.</p> <p>Já na primeira estrofe fica evidente o tratamento do amor como algo que comove as pessoas, independentemente de ser ou não profundo. Mesmo o amor mais superficial, quando declarado, cantado, é capaz de trazer emoção. Ainda que o poeta reforce aqui o lado físico do amor.</p> <p>Há aqui também na segunda estrofe uma referência a Charles Chaplin, o Carlito. Seus filmes, comédias, seriam capazes de alegrar a figura amada, consolando-a.</p> <p>Na terceira estrofe vemos que o eu lírico sabe bem que o amor dói, porque ele já teve suas próprias experiências ruins. Quando ele tentou abrir a porta para o amor, ele acabou ficando doente. Isso faz com que o eu lírico acabe deixando o amor adormecido fora de si. Assim como o próprio poeta, o amor é melancólico. E ao se instalar em sua aorta, o deixou cardíaco.</p> <p>Mesmo assim, o amor parece algo capaz de trazer algum paz que seja. O amor não é <i>tudo</i>, como gostam de dizer os poetas e os apaixonados. Mas há uma coisa ou outra que ele é capaz de fazer. Isso fica claro na quarta estrofe, em que o poeta faz uso de alguns paradoxos para referir-se ao amor: ácidos que adoçam, dentes que não mordem, por exemplo.</p> <p>Não por acaso o amor é um bicho instruído. Essa prosopopeia indica a capacidade de manipular do amor,</p>
---	---



<p>Pronto, o amor se estrepou. Daqui estou vendo o sangue que escorre do corpo andrógino. Essa ferida, meu bem, às vezes não sara nunca às vezes sara amanhã.</p> <p>Daqui estou vendo o amor irritado, desapontado, mas também vejo outras coisas: vejo corpos, vejo almas vejo beijos que se beijam ouço mãos que se conversam e que viajam sem mapa. Vejo muitas outras coisas que não ousa compreender...</p>	<p>descrita na estrofe anterior. Essa personificação é mais explorada nas duas últimas estrofes.</p> <p>O que o eu lírico relata nas últimas estrofes é um coração partido. O amor quando de exalta, quando deixa de lado a calma, acaba se machucando. A forte emotividade fere o amor – e por extensão aquele que ama. As dores de amor, segundo o eu lírico, podem ou não ser superadas.</p> <p>Ainda assim, insistimos. Mesmo após vermos o amor sair machucado – e todos saberem que ele está fadado a isso – seguimos insistindo. O eu lírico relata pessoas juntas, tentando ainda assim relacionar-se e encontrar um modo de relacionar-se. Algo que ele não compreende, reforçando o caráter racional do eu lírico em relação a amor.</p>
---	--

## Sentimento do mundo (1940)

Em 1940, Drummond publica outra grande obra, *Sentimento do Mundo*. Trazia 28 poemas escritos entre 1935 e 1940, portanto, tendo como pano de fundo a ascensão do nazismo, o governo Getúlio Vargas e a Segunda Guerra Mundial.

O individualismo do poeta tinge-se de uma preocupação coletiva que o leva a procurar dissolver-se em um **nós político**, como se almejasse uma solução solidária, de união entre os homens, que redimisse o mundo e o próprio poeta. De sujeito solitário, isolado, o eu lírico aqui é presente, que se vê no mundo com outros homens. Ainda assim, Drummond percebe o total distanciamento e incomunicabilidade entre os homens. Muitos poemas são tentativas de contato – o que incorrerá no aparecimento de vocativos e de usos da primeira pessoa do plural. A visão pessimista de Drummond segue presente aqui, contrastando com a esperança. O poeta é descrente no presente, mas acredita no futuro.

Encontramos nessa obra temas como o sentimento do mundo, o eu indissolúvel, o outro social e a alienação. Um dos poemas mais conhecidos da obra é **Mão dadas**.

<p>Não serei o poeta de um mundo caduco Também não cantarei o mundo futuro Estou preso à vida e olho meus companheiros Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças Entre eles, considero a enorme realidade</p>	<p>Esse é um poema construído em torno de negativas e decisões. O poeta analisa, primeiro, o mundo como ele o vê e depois fala sobre si mesmo e o que o interessa falar.</p> <p>Percebe-se logo no início um problema: não se pode falar sobre o passado – o mundo que já caducou – e nem se pode falar sobre o futuro – o mundo utópico que ainda não se realizou. É</p>
--	---



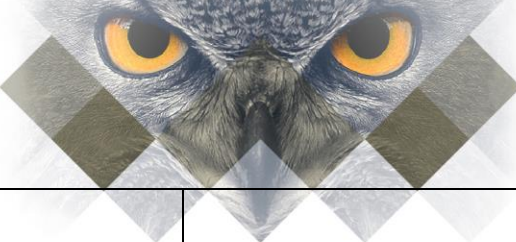


<p>O presente é tão grande, não nos afastemos</p> <p>Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas</p> <p>Não serei o cantor de uma mulher, de uma história</p> <p>Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela</p> <p>Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida</p> <p>Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins</p> <p>O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes</p> <p>A vida presente</p>	<p>preciso olhar para o presente. É dele que não devemos nos afastar, não só porque estamos presos a ele, mas porque ele é grande e cheio de possibilidades.</p> <p>Se todos os homens se encontram com o mesmo sentimento, taciturnos, sombrios, mas com esperança, então é preciso dar as mãos, criar uma noção de coletivo. A união é o que pode manter a esperança.</p> <p>A segunda estrofe assume ainda um tom metalinguístico, indicando o que se pode ser escrito, ou ainda, o que não pode ser escrito. O eu lírico não quer fugir de suas responsabilidades com os outros homens. O amor clichê e disparatado não o interessa. A poesia deve ser mais do que meio de fuga ou escape romântico. O que interessa para sua poesia é seu tempo e as inquietações dos homens de seu tempo.</p>
--	---

## José (1942)

O quarto livro de poemas foi lançado de forma discreta. Contando com apenas 12 poemas, o livro foi lançado como o volume final de uma coletânea chamada Poesias, que reunia os três livros anteriores de Drummond. Não foi um livro tão celebrado quanto os demais, mas ficou conhecido pelo poema que dá título ao livro, também chamado **José**, mais conhecido pelo primeiro verso: **E agora José?**

<p>E agora, José?</p> <p>A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José?</p> <p>e agora, você?</p> <p>você que é sem nome, que zomba dos outros, você que faz versos, que ama, protesta?</p> <p>e agora, José?</p> <p>Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber,</p>	<p>No início do poema já se coloca o verso que se repetirá ao longo do texto: “E agora, José?”.</p> <p>A escolha do nome não vem ao acaso. José é um dos nomes mais comuns do Brasil. O uso desse nome é metonímico, representando um sujeito coletivo, o próprio povo do Brasil. Tanto que no final do poema o eu lírico seguirá ao verso-refrão a indagação: “E agora, você?”.</p> <p>Na primeira estrofe, o que vemos é uma indagação: o que resta após o fim dos bons momentos. Depois da festa e na solidão, o que sobra? O eu lírico também se questiona sobre o fazer poético, já que aponta para alguém que faz versos. E de que serve a poesia agora?</p>
--	--



já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,

A segunda estrofe reforça o sentimento de vazio e solidão. Esse homem já não tem nada nem ninguém. Além disso, sugere que esse homem é constantemente vigiado, não tem liberdade nem para beber, fumar ou cuspir.

Além disso, tudo o que ele ainda tinha se acabou ou fugiu dele. O tempo e a vida que aquele homem vive deterioram tudo e não deixam que as utopias se estabeleçam.

A terceira estrofe evidencia a perda dos sentimentos, das coisas materiais e das sensações. Esse homem é insatisfeito: ele não tem gula, mas também não tem jejum, por exemplo.

O desencantamento e inadequação com o mundo se materializa na metáfora da chave na quarta estrofe: a saída, o encontro com seu propósito não existe, não só porque a chave em suas mãos não abre a porta, mas porque a porta sequer existe. A morte não é uma possibilidade também, como se ele fosse obrigado a seguir. A Minas Gerais de seu passado, que vive em sua memória, também já não existe mais. O passado não pode mais ser refúgio.

A quinta estrofe levanta hipóteses sobre o que poderia ser feito. Fazendo uso de verbos no subjuntivo, ou seja, indicando a ideia de possibilidade, o eu lírico aponta para possíveis saídas. Elas, porém, não chegam a se concretizar, pois todas as orações ficam com o final em suspenso, indicando que não há concretização da expectativa. A morte não é uma solução plausível, porque a força e capacidade de sobreviver são parte fundamental desse sujeito.

Na sexta estrofe o eu lírico está totalmente isolado, sem Deus, sem apoio e sem meios de fugir da situação em que se encontra. Ainda assim, há uma percepção de um sujeito que segue em frente, que não deixa de seguir, mesmo contando apenas consigo próprio. Esse homem



você marcha, José!  
José, para onde?

marcha, seguindo quase no modo automático, para  
enfrentar suas batalhas.

## A Rosa do Povo (1945)

Ainda impactado pela guerra, Drummond escreve em 1945, A Rosa do povo. A menção ao povo não é arbitrária. A preocupação social, com a coletividade e com os (des)caminhos da humanidade aparecem nesse livro. O poeta reflete sobre a função da poesia: será que a rosa (a poesia) é para o povo ou do povo? Que tipo de poesia a época em que ele vive poderia satisfazer um mundo em convulsão? Nesse livro, ele escreve um dos poemas mais celebrados pela crítica “**A flor e a náusea**”. Nele o poeta descreve uma cena hostil a uma flor, mas mesmo assim ela fura o asfalto.

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas,  
alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas  
sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.  
Nenhuma carta escrita nem recebida.  
Todos os homens voltam para casa.  
Estão menos livres mas levam jornais  
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.  
Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.  
Os ferozes padeiros do mal.

A flor é uma metáfora para a poesia, nascida neste  
tempo de revolta e ódio. Sua beleza está em ser  
revolucionária. Ela traz esperança para um mundo  
diante do qual o eu lírico se sente impotente.

Já na primeira estrofe vemos a relação de classe  
aqui: a imobilidade ligada à posição no mundo.

Na segunda estrofe, o relógio personifica todo o  
tempo que será dito a seguir. Aqui vemos o uso de  
termos antipoéticos, indicando a miséria do  
tempo em que vivemos.

Na terceira estrofe, vemos o meu lírico que sente  
que fala com as paredes. Tendo em vista que isso  
é escrito por um poeta, não se pode excluir da  
análise a noção de que a poesia não consegue se  
comunicar com o homem, que foi reificado,  
coisificado pelo capitalismo. A poesia não é  
revelação, é enigma, cifrada.

Na quinta estrofe há a expressão do tédio, do  
marasmo, do eu lírico. O próprio poeta pensa  
sobre si mesmo ao ver que ao quarenta anos ainda  
não consegue entender-se no mundo. Há também  
uma crítica à burguesia acomodada, que se  
orgulha em ser informada, mas não vive a vida. A  
comunicação, que parece essencial, não ocorre.

A omissão dos homens diante dos males do  
mundo preocupa o eu lírico. Na sexta estrofe fica  
evidente o questionamento: como colocar a  
poesia num lugar central num mundo como esse?  
O trágico nos diverte. O jornal (ração diária de



<p>Os ferozes leiteiros do mal.</p> <p>Pôr fogo em tudo, inclusive em mim. Ao menino de 1918 chamavam anarquista. Porém meu ódio é o melhor de mim. Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima.</p> <p>Uma flor nasceu na rua! Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto. Façam completo silêncio, paralise os negócios, garanto que uma flor nasceu.</p> <p>Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem. Seu nome não está nos livros. É feia. Mas é realmente uma flor.</p> <p>Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e lentamente passo a mão nessa forma insegura. Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se. Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico. É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.</p>	<p>erro) não nos informa e nos alimentamos de injustiças (padeiros e leiteiros).</p> <p>Drummond alude, na sétima estrofe, ao fato de ter sido expulso da escola sob a acusação de ser anarquista. Ele se pergunta o que aconteceu com seu espírito revolucionário. O ódio é o que prepara para o momento de virada do poema.</p> <p>A oitava estrofe apresenta uma epifania inesperada. Finalmente encontrado o símbolo poético: a arte possível de mudar o mundo é aquela que nasce no meio do povo. É só ela que pode parar o fluxo intenso do capitalismo. Ainda assim, há uma necessidade de garantir o símbolo poético, de convencer as pessoas que a poesia vale a pena.</p> <p>Na penúltima estrofe vemos que essa flor, ou seja, a poesia, rompe o silêncio imposto pela sociedade. Ao contrariar tudo aquilo que se espera de uma flor, ela foge às imposições sociais. Ela nasce da necessidade de existir, não da beleza.</p> <p>Perceba que no verso final vemos que a flor nasce do ódio do poeta, mas é capaz de o transcender: ela fura até mesmo o ódio. O mundo ameaça se convulsionar a partir a arte.</p> <p>Atenção: a referência a “galinhas” na última estrofe é ao movimento integralista.</p>
--	--

## Novos Poemas (1948)

Um livro curto, marcado pelas convulsões que se seguiram à Segunda Guerra Mundial e pela noção de que o mundo poderia ser destruído. O livro se volta a temas tradicionais da lírica, com bastante espaço para a discussão amorosa. Novos Poemas não é seu livro mais expressivo. É formado por uma pequena reunião de poemas inéditos, que introduzia a reedição de livros anteriores, assim como José. Dos doze poemas, o mais famoso é **Canção amiga**

<p>Eu preparo uma canção em que minha mãe se reconheça, todas as mães se reconheçam, e que fale como dois olhos.</p> <p>Caminho por uma rua</p>	<p>Nesse poema, Drummond evidencia seu desejo de criar uma poesia capaz de despertar a consciência nas pessoas, principalmente nos adultos. Ao mesmo tempo, essa canção deve ser doce o</p>
---	---





que passa em muitos países.  
Se não me veem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo  
como quem ama ou sorri.  
No jeito mais natural  
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

suficiente para fazer adormecer as crianças. É ao mesmo tempo uma canção de ninar.

O “amiga” do título não se refere necessariamente a alguma amizade pontual, mas à sensação de acolhimento que Drummond deseja que ela possa passar. Há aqui uma metodologia proposta: o despertar da consciência entre os homens não se dá pela violência, mas pela solidariedade, pela doçura.

A referência à própria mãe reforça a necessidade de comunicação e união entre os homens a partir de agora: mesmo aqueles que nascem em Itabira, que são descritos por ele em “Confidência do Itabirano” como donos de “alheamento do que na vida é porosidade e comunicação”, devem se unir nessa causa.

## Claro Enigma (1951)

Claro Enigma é publicado em 1951. O nazismo não se consolidou como regime mundial, mas tampouco uma vida social mais plena surgiu de todos os eventos que abalaram esse quartel do século XX. As traições de Stalin ao ideário socialista durante a Segunda Guerra e o acordo feito entre o representante do comunismo e as grandes potências deixaram claro que não havia muita esperança na saída coletiva declamada por Carlos Drummond nos livros anteriores.

O livro parece registrar esse ressentimento. O poeta, mais pessimista, encarando a realidade como um enigma, reflete sobre a condição humana e sobre a poesia. A esperança no “nós” dá lugar ao fatalismo de uma possível dissolução de sentido a qual o poeta resiste.

No que diz respeito à forma, o poeta resgata a metrificacão, vale-se inclusive escreve 8 sonetos nesse livro poético. Não é somente na forma que se percebe a influência clássica. Em “A máquina do mundo”, o poeta dialoga com Os Lusíadas de Camões.

O poema **oficina irritada** exemplifica a sutil mudança que revelou um Carlos Drummond de Andrade mais realista, menos esperançoso.

Eu quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
  
seco, abafado, difícil de ler.

O poema revelar o retorno à forma tradicional, o soneto (forma clássica usada por Camões e que consiste na organização do tema a partir de 2 quartetos e dois tercetos), de métrica e rima regular.



<p>Quero que meu soneto, no futuro, não desperte em ninguém nenhum prazer.</p> <p>E que, no seu maligno ar imaturo, ao mesmo tempo saiba ser, não ser.</p> <p>Esse meu verbo antipático e impuro há de pungir, há de fazer sofrer, tendão de Vênus sob o pedicuro.</p> <p>Ninguém o lembrará: tiro no muro, cão mijando no caos, enquanto Arcturo, claro enigma, se deixa surpreender.</p>	<p>O poeta deixa claro seu ideal de ofício: fazer um poema duro, um poema difícil, que deva traduzir tanto essa realidade particular, mas também a realidade da poesia como um todo.</p> <p>Afinal, o que é ser poeta no século XX, em plena modernidade? Talvez, conscientemente, o poeta quisesse apenas exprimir sua decepção com sua época, mas na verdade o tipo de texto que ele produz, adequa-se à grande Literatura que traz à tona as questões mais importantes da Literatura no século XX.</p> <p>A poesia entra na tradição e poesias metalinguísticas de Drummond, que frequentemente produz obras falando sobre o próprio ofício de escrever.</p> <p>O poeta deseja um poema que sobreviva no futuro, trazendo conteúdo tanto na sua forma quanto em seu conteúdo. Não há aqui gratuidade na escolha dos termos.</p> <p>Atenção: referência à história (mitológica) de Arcturo, que foi morto por pastores a quem ele deu vinho.</p>
--	--

## Fazendeiro do Ar (1954)

Nessa obra, Drummond investe nos temas metafísicos volta seu olhar para o tema da brevidade da vida. Ainda assim ele não deixa de lado os afetos e o mundo sensível. Porém, o poeta deixa de lado a aproximação com a lírica clássica nesse momento – diferente das obras anteriores. Um dos principais poemas dessa obra é **O enterrado vivo**.

<p>É sempre no passado aquele orgasmo, é sempre no presente aquele duplo, é sempre no futuro aquele pânico.</p> <p>É sempre no meu peito aquela garra. É sempre no meu tédio aquele aceno. É sempre no meu sono aquela guerra.</p> <p>É sempre no meu trato o amplo distrato. Sempre na minha firma a antiga fúria. Sempre no mesmo engano outro retrato.</p>	<p>A principal característica do poema é a repetição. Todos os versos do poema se iniciam da mesma maneira, denotando a ideia de um cotidiano moroso, que reflete a imobilidade do homem no mundo.</p> <p>Os três primeiros versos estabelecem uma relação entre passado, presente e futuro, sendo que o presente será mais aprofundado ao longo do texto.</p>
---	--



É sempre nos meus pulos o limite.  
É sempre nos meus lábios a estampilha.  
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.  
Sempre dentro de mim meu inimigo.  
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

Há também uma sensação de angústia e sofrimento com essa repetição da vida. Isso pode explicar o título do poema. O enterrado vivo é alguém que está vivo, mas imóvel, soterrado pelo mundo, como um morto que já foi enterrado. Esse mundo já não é desfrutado plenamente por ele, tampouco ele sente que vive de maneira plena.

## Viola de Bolso (1955)

O livro foi publicado com o patrocínio do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, órgão em que Drummond trabalhava, em 1952. A versão mais conhecida, porém, foi a publicada em 1942, contendo mais páginas e republicando poemas de livros anteriores. A obra conta com 22 poemas, mas não se tornou muito conhecida.

## A Vida Passada a Limpo (1959)

Esse livro fez parte primeiro do livro Poemas, do mesmo ano, uma obra que reunia praticamente tudo o que Drummond publicara até então. Os poemas de A vida passada a limpo tratam de temas menos dedicados ao presente e mais dedicados a questões humanas essenciais. Principalmente aparecem aqui poemas que questionam o amor, a linguagem, a memória e os afetos.

Alguns dos principais poemas desse livro integram a Antologia Poética de Drummond: “Especulações em torno da palavra homem”, “Prece de mineiro no Rio” e “A um hotel em demolição”.

## Lição de Coisas (1962)

Lição de coisas foi escrito no mesmo ano em que o Drummond organizou sua Antologia poética. No livro inédito, assim como na antologia, o autor fala sobre seus grandes temas, como o passado, a infância em Minas Gerais, a brevidade da vida e a observação do tempo. Há também diálogo com o Concretismo nessa obra. Um dos poemas mais conhecidos desse livro é **amar-amaro**:

Por que amou por que a!mou  
se sabia  
p r o i b i d o p a s s e a r s e n t i m e n t o s  
ternos ou s o p e r æ d s æ s æ p  
nesse museu do pardo indiferente  
me diga: mas por que  
amar    sofrer talvez    como se morre  
de varíola voluntária vágula ev

Percebe-se inicialmente a aproximação com a poesia concreta pelo uso de uma organização visual do poema. Letras capitais, palavras de cabeça para baixo, escritas sem espaçamento ou com espaçamentos estilísticos (como no terceiro



idente?

ah PORQUEAMOU  
e se queimou  
todo por dentro por fora nos cantos ecos  
lúgubres de você mesm(o,a)  
irm(ã,o) retrato espetáculo por que amou?  
se era para  
ou era por  
como se entretanto todavia  
toda via mas toda vida  
é indignação do achado e aguda espostejação  
da carne do conhecimento, ora veja

permita cavalheir(o,a)  
amig(o,a) me releve  
este malestar  
cantarino escarninho piedoso  
este querer consolar sem muita convicção  
o que é inconsolável de ofício  
a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima  
a vida também  
tudo também  
mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca  
de núncaras.

verso da primeira estrofe) indicam essa aproximação.

Há, além disso, o uso do recurso da paronomásia: usar palavras de sons semelhantes, mas significados diferentes.

O poeta também cria neologismos, principalmente fruto da união de palavras ou de uma sonoridade específica.

A temática do amor é permeada por traços de negatividade. O amor não realizado ou malsucedido é o que norteia o poema. A sensação que temos do eu lírico – que tenta aconselhar os outros – é que ele crê que o amor não compensa ou que sempre se machuca quando se apaixona. Não parece possível para ele a realização amorosa. Ele compara o amor à morte, dizendo que entre ambos, quem não consola nunca é o amor.

Já no título vemos a brincadeira com as palavras que indicará o sentimento geral do poema: o verbo “amar” é associado ao adjetivo “amargo”, um sinônimo de “amargo”.

### 3 - Antologia poética

Antes de entrarmos na análise da obra em si precisamos pensar sobre seu título. Afinal, o que significa uma **antologia**? Etimologicamente, a palavra antologia vem do grego *anthologias*. Seu significado é algo como “coleção de flores”. O termo era inicialmente ligado à botânica. Do ponto de vista literário uma antologia é um conjunto – ou coleção – formado a partir de diversas obras. Essas obras podem ser de uma mesma **temática**, **autoria** ou **período**.

A antologia é formada a partir da coletânea de textos que podem ser em prosa ou em verso, normalmente em volume único. Ainda que tenhamos antologias de contos e crônicas, é na poesia que a antologia encontrou maior espaço. Normalmente os poemas são selecionados pelo próprio autor, seguindo um critério frequentemente arbitrário e subjetivo. Drummond fora um dos grandes precursores de uma antologia poética de único autor.

#### Estrutura

**Tempo:** A obra foi lançada em 1962, mas reunia poemas escritos e publicados desde 1928, tanto em revistas quanto em livros. Na Antologia, o poeta procura rever seus quase 30 anos de carreira e 70 de vida.



**Temas:** A obra traz questões comuns à obra de Drummond.

- O indivíduo gauche, fragmentado, que não se adapta ao mundo.
- O memorialismo e a nostalgia do passado.
- A melancolia e desesperança diante do mundo.
- As dificuldades da realização amorosa.
- A metalinguagem, pensando no fazer poético e no papel da poesia no mundo.
- As questões sociais e o modo como o homem se relaciona com o outro, com solidariedade.

**Divisão:** O livro se divide em 9 partes. O próprio Drummond coloca adjetivos ao lado das partes.

- um eu todo retorcido (O indivíduo)
- uma província: esta (A terra natal)
- a família que me dei (A família)
- cantar de amigos (Amigos)
- na praça de convites (O choque social)
- amar-amaro (O conhecimento amoroso)
- poesia contemplada (A própria poesia)
- uma, duas argolinhas (Exercícios lúdicos)
- tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo (Uma visão, ou tentativa de, da existência)

Vamos ver a divisão das partes e os poemas fundamentais de cada uma delas.

### **um eu todo retorcido**

#### Características dos poemas

- abertura do livro com aspecto autobiográfico
- eu lírico fragmentado, deslocado do mundo

- sentimento de melancolia e solidão
- incomunicabilidade entre os homens

#### Principais poemas

- Poema de sete faces
- Soneto da Perdida esperança
- José
- A mao suja
- A flor e nausea
- Consolo na praia
- Versos à boca da noite
- O enterrado vivo

### **Uma província: esta**

#### Características dos poemas

- Poemas sobre sua terra natal.
- Nostalgia que se afasta do saudosismo.
- O espaço da memória também é subjetivo, projeta um passado a partir do presente.

#### Principais poemas

- Cidadezinha qualquer
- Confidência do itabirano
- Canção da moça fantasma de Belo Horizonte
- Prece do mineiro no Rio



## A família que me dei

### Características dos poemas

- Análise da memória.
- Saudade do passado a partir do olhar presente.
- Fragmentação do sujeito
- Desejo de repensar o passado e seus significados.

### Principais poemas

- Retrato de família
- Os bens e o sangue
- Viagem na família
- Carta

## Cantar de amigos

### Características dos poemas

- Amizades no plano poético
- Não são necessariamente pessoas que se conheciam na vida.

### Principais poemas

- Ode no cinquentenário do poeta brasileiro
- Mário de Andrade desce aos infernos
- Canto ao homem do povo Charlie Chaplin

## Na praça de convites

### Características dos poemas

- Questionamento sobre a atividade poética no mundo.

- Jogos de linguagem
- A poesia entendida como uma arte da técnica.

#### Principais poemas

- Sentimento do mundo
- Lembrança do mundo antigo
- Elegia 1938
- Mãos dadas
- O elefante
- Morte do leiteiro
- Os ombros suportam o mundo
- Anúncio da rosa
- Canção amiga

### **amar-amaro**

#### Características dos poemas

- Desescanto amoroso
- Ideia da impossibilidade da realização amorosa
- Olhar racional, não idealizado sobre o amor
- Angústia que por vezes cai em um lirismo quase trágico

#### Principais poemas

- O amor bate na aorta
- Quadrilha
- Não se mate
- O mito
- Caso do vestido



- Escada
- Amar
- Amar-amaro

### **Poesia contemplada**

#### Características dos poemas

- A linguagem é o objetivo final.
- Poemas metalinguísticos.

#### Principais poemas

- O lutador
- Procura da poesia
- Oficina irritada
- Poema-orelha

### **uma, duas argolinhas**

#### Características dos poemas

- Brincadeira com a linguagem
- Forma poética trabalhada de maneira estética
- Poemas que se aproximam de ideias concretas
- Obras que demandam atenção à posição e escolha das palavras

#### Principais poemas

- Áporo
- Caso pluvioso

Veja um exemplo de exercício a partir de um poema dessa parte.



## tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo

### Características dos poemas

- Tentativas de entender a “máquina do mundo” em sua complexidade
- Os ideais e esperanças que nascem da arte poética encontram obstáculos na materialidade do mundo.
- Questionamentos sobre o mundo que parece destruído.
- 

### Principais poemas

- No meio do caminho
- Cantiga de enganar
- A máquina do mundo
- Composição
- O arco
- Especulações em torno da palavra homem
- A um hotel em demolição
- Resíduo
- Elegia

## 4 – Exercícios

### 4.1 – Exercícios

#### 1. (ITA/2005)

O livro “Claro Enigma”, uma das obras mais importantes de Carlos Drummond de Andrade, foi editado em 1951. Desse livro consta o poema a seguir.

#### Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.  
Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.  
As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.  
Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. “Claro Enigma”, Rio de Janeiro: Record, 1991.)

Sobre esse texto, é correto dizer que

- a) a passagem do tempo acaba por apagar da memória praticamente todas as lembranças humanas; quase nada permanece.
- b) a memória de cada pessoa é marcada exclusivamente por aqueles fatos de grande impacto emocional; tudo o mais se perde.
- c) a passagem do tempo apaga muitas coisas, mas a memória afetiva registra as coisas que emocionalmente têm importância; essas permanecem.
- d) a passagem do tempo atinge as lembranças humanas da mesma forma que envelhece e destrói o mundo material; nada permanece.
- e) o homem não tem alternativa contra a passagem do tempo, pois o tempo apaga tudo; a memória nada pode; tudo se perde.

**Texto para as próximas questões:**

**O elefante**

Fabrico um elefante  
de meus poucos recursos.  
Um tanto de madeira  
tirado a velhos móveis  
talvez lhe dê apoio.  
E o encho de algodão,  
de paina, de doçura.  
A cola vai fixar  
suas orelhas pensas.  
A tromba se enovela,  
é a parte mais feliz  
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,  
dessa matéria pura  
que não sei figurar.  
Tão alva essa riqueza  
a espojar-se nos circos  
sem perda ou corrupção.  
E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante  
pronto para sair  
à procura de amigos  
num mundo enfastiado  
que já não crê em bichos  
e duvida das coisas.  
Ei-lo, massa imponente  
e frágil, que se abana  
e move lentamente  
a pele costurada  
onde há flores de pano

e nuvens, alusões  
a um mundo mais poético  
onde o amor reagrupa  
as formas naturais.

Vai o meu elefante  
pela rua povoada,  
mas não o querem ver  
nem mesmo para rir  
da cauda que ameaça  
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora  
as pernas não ajudem  
e seu ventre balofo  
se arrisque a desabar  
ao mais leve empurrão.  
Mostra com elegância  
sua mínima vida,  
e não há cidade  
alma que se disponha  
a recolher em si  
desse corpo sensível  
a fugitiva imagem,  
o passo desastrado  
mas faminto e tocante.  
Mas faminto de seres  
e situações patéticas,  
de encontros ao luar  
no mais profundo oceano,  
sob a raiz das árvores  
ou no seio das conchas,  
de luzes que não cegam  
e brilham através  
dos troncos mais espessos.  
Esse passo que vai  
sem esmagar as plantas  
no campo de batalha,

à procura de sítios,  
segredos, episódios  
não contados em livro,  
de que apenas o vento,  
as folhas, a formiga  
reconhecem o talhe,  
mas que os homens  
ignoram,  
pois só ousam mostrar-se  
sob a paz das cortinas  
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite  
volta meu elefante,  
mas volta fatigado,  
as patas vacilantes  
se desmancham no pó.  
Ele não encontrou  
o de que carecia,  
o de que carecemos,  
eu e meu elefante,  
em que amo disfarçar-me.  
Exausto de pesquisa,  
caiu-lhe o vasto engenho  
como simples papel.  
A cola se dissolve  
e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,  
qual mito desmontado.  
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

**2. (IME - 2019)**

No poema, considerando o elefante fabricado artesanalmente como uma alegoria para falar da arte, mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- a) divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- b) invisibilidade da coisa criada.





- c) anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- d) fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- e) banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.

### 3. (IME - 2019)

Considere os versos 19 a 23 do poema, transcritos abaixo:

“E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.”

Abaixo, você encontrará alguns ditados populares elencados. Qual destes ditados mais se aproxima da ideia veiculada no verso 23, “alheia a toda fraude”?

- a) “Fazer o bem sem olhar a quem.”
- b) “O pior cego é aquele que não quer ver.”
- c) “Perto dos olhos, longe do coração.”
- d) “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.”
- e) “Os olhos são a janela da alma.”

### 4. (IME – 2019)

O poema *O elefante*

- a) anuncia, por meio da alegoria do animal, que o tamanho dos problemas dos adultos é inversamente proporcional ao tamanho do elefante, sendo, ao mesmo tempo, um poema direcionado às crianças.
- b) estabelece uma relação criador/criatura e, metaforicamente, é possível falar de um paralelo entre arte/artista: o conteúdo produzido pelo artista é causa e consequência, ao mesmo tempo, do trabalho do poeta com as palavras.
- c) desconecta o elefante (criação) de seu criador, retirando deste toda a sua capacidade criativa.
- d) mostra a criatura, o elefante, como algo definido e único: criá-lo é tão trabalhoso que não há possibilidade de criar outros elefantes.
- e) revela, metaforicamente, um descuido com o fazer poético ao descrever a deselegância do elefante mal construído, que segue pelas ruas de modo desequilibrado.

## 5. (Estratégia Vestibulares – 2021)

Leia o texto a seguir, do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à próxima questão.

### Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das  
[igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos  
[democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da  
[morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e  
[medrosas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 20).

Sobre os aspectos formais e temáticos do poema, pode-se dizer:

- a) O texto apresenta métrica única e exalta o sentimento de impotência do eu lírico diante das transformações de sua realidade.
- b) O texto é composto por versos livres e retrata uma mudança de posição do eu lírico em relação ao que sua poesia deve tematizar: não mais o amor, e sim o medo.
- c) O texto não possui versos brancos em sua forma e, além disso, opta por expressar aquilo que se sente em um fluxo de consciência, registro em conformidade com os ideais da poesia contemporânea.
- d) O texto retrata a dor do eu lírico, cujo início se dá na constatação de que o mundo é brutal e que, portanto, não se deve cantar o amor. Está em conformidade com o Romantismo tardio.
- e) O texto reforça os neologismos da terceira geração modernista que, sendo predominantemente regionalista, faz com que o eu lírico se volte para o memorialismo de sua cidade natal.

Texto para as próximas questões:

### Mãos Dadas

Carlos Drummond de Andrade



Não serei o poeta de um mundo caduco  
Também não cantarei o mundo futuro  
Estou preso à vida e olho meus companheiros  
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças  
Entre eles, considero a enorme realidade  
O presente é tão grande, não nos afastemos  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história  
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela  
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida  
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes  
A vida presente

(Carlos Drummond de Andrade. Sentimento do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

## 6. (Estratégia Vestibulares – 2020)

A poesia *Mãos dadas* pode ser considerada como representativa do estilo do autor, Carlos Drummond de Andrade, pois

- a) demonstra preocupação social, muitas vezes aliada a temas filosóficos ou metafísicos.
- b) se constrói a partir de ironias e humor como forma de crítica à sociedade.
- c) é muito introspectiva e filosófica, alternando entre a religiosidade e o erotismo.
- d) apresenta aspectos memorialistas, além de jogos de som e musicalidade.
- e) apresenta menor importância literária do que suas crônicas.

## 7. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Sobre o poema em questão é possível afirmar que

- a) pertence à Primeira Geração Modernista, que tem como uma de suas características a poesia espiritualista, com temas filosóficos.
- b) pertence à Segunda Geração Modernista, que tem como uma de suas características a poesia voltada para a crítica social.
- c) pertence à Terceira Geração Modernista, cujo traço mais marcante é uma poesia de cunho regionalista.
- d) pertence à Literatura Marginal, o que se comprova pelos temas pouco elevados e a forma poética livre.
- e) pertence à literatura contemporânea, tendo como traço marcante os versos brancos e livres, ou seja, sem métrica ou rima.



## 8. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Sobre o poema *Mãos Dadas*, é correto afirmar que

- a) nele, o eu-lírico desiste de sua atuação social ao afirmar que não cantará mais esse mundo.
- b) ainda que aparente um ar melancólico, é possível compreender laivos de esperança.
- c) o eu-lírico nega o amor, ao afirmar que não é possível ter bons sentimentos no presente.
- d) o eu-lírico busca uma fuga à realidade penosa do presente através da produção artística.
- e) há um elogio à solidariedade, pois é ela que permite o surgimento do sentimento amoroso.

Leia a seguir o poema “Morte do leiteiro”, do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) para responder às próximas questões

### MORTE DO LEITEIRO

Há pouco leite no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há muita sede no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.  
Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
Sua lata, suas garrafa  
se seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho  
e veio do último subúrbio  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força



na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca  
 não tem tempo de dizer  
 as coisas que lhe atribuo  
 nem o moço leiteiro ignaro,  
 morados na Rua Namur,  
 empregado no entreposto,  
 com 21 anos de idade,  
 sabe lá o que seja impulso  
 de humana compreensão.  
 E já que tem pressa, o corpo  
 vai deixando à beira das casas  
 uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos  
 também escondesse gente  
 que aspira ao pouco de leite  
 disponível em nosso tempo,  
 avancemos por esse beco,  
 peguemos o corredor,  
 depositemos o litro...  
 Sem fazer barulho, é claro,  
 que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil  
 de passo maneiro e leve,  
 antes desliza que marcha.  
 É certo que algum rumor  
 sempre se faz: passo errado,  
 vaso de flor no caminho,  
 cão latindo por princípio,





ou um gato quizilento.

E há sempre um senhor que acorda,  
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico  
(ladrões infestam o bairro),  
não quis saber de mais nada.

O revólver da gaveta  
saltou para sua mão.

Ladrão? se pega com tiro.

Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.

Se era noivo, se era virgem,  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono  
de todo, e foge pra rua.

Meu Deus, matei um inocente.

Bala que mata gatuno  
também serve pra furtara vida de nosso irmão.

Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho de meu pai.

Está salva a propriedade.

A noite geral prossegue,  
a manhã custa a chegar,  
mas o leiteiro

estatelado, ao relento,  
perdeu a pressa que tinha.



Da garrafa estilhaçada,  
no ladrilho já sereno  
escorre uma coisa espessa  
que é leite, sangue... não sei.  
Por entre objetos confusos,  
mal redimidos da noite,  
duas cores se procuram,  
suavemente se tocam,  
amorosamente se enlaçam,  
formando um terceiro tom  
a que chamamos aurora.

DRUMMOND, Carlos Andrade de. Morte do leiteiro. In: A rosa do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 84).

### 9. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Acerca da técnica utilizada no poema, é INCORRETO inferir que

- a) mais para o fim do verso, depois de já introduzida a personagem do leiteiro, o eu lírico demonstra empatia com ele, em uma tentativa de aproximação.
- b) é observado o emprego do prosaísmo, no sentido que se descreve uma situação do cotidiano e uma personagem comum: o leiteiro.
- c) no verso “Meu Deus, matei um inocente”, o eu lírico confessa seu crime e tenta se redimir com o leiteiro.

o eu lírico frequentemente mostra-se intrometido, opinando quanto aos fatos que narra, mediante expressões como: “é claro”, “é certo” e “sempre”.

no verso “Está salva a propriedade” há, ao menos, duas figuras de linguagem: o hipérbato e a ironia.

### 10. (Estratégia Vestibulares – 2020)

A prosopopeia é um recurso expressivo que ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais. Os versos nos quais ela é verificada são:

- a) “Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.”
- b) “Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo



leite bom para gente ruim.”

- c) “Sua lata, suas garrafa  
se seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho”  
d) “E já que tem pressa, o corpo  
vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.”  
e) “Ladrão? se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.”

### 11. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Nesse poema, o tom predominante do eu lírico é

- a) trabalhador  
b) denunciante  
c) sedento  
d) vingativo  
e) parcimonioso

Textos para as próximas questões:

#### Texto I

(...)

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.



É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(“A flor e as Náusea” poema do livro Rosa do Povo, publicado em 1945)

## Texto II

oficina irritada

Eu quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.

Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,  
não desperte em ninguém nenhum prazer.

E que, no seu maligno ar imaturo,  
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro  
há de pungir, há de fazer sofrer,  
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,  
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,  
claro enigma, se deixa surpreender.

## 12. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Comparando a estilística e o aspecto formal dos poemas, assinale a alternativa correta.



- a) Os dois poemas se valem do mesmo recurso de construção poética, diferem somente no uso de figuras de linguagem, pois o “a flor e a náusea” se estrutura em torno de apenas uma metáfora.
- b) Percebe-se, nos dois poemas, o uso frequente do paralelismo sintático como elemento mais importante do estilo de Carlos Drummond de Andrade.
- c) No que diz respeito à forma, em “oficina irritada”, o poeta retorna à influência clássica, enquanto, em “A flor e a náusea”, ele manifesta sua ligação forte com a primeira geração modernista.
- d) Nos dois poemas, o eu lírico se vale do mesmo procedimento: escolhe uma figura alegórica e, em torno dela, constrói uma ambientação.
- e) Os dois poemas expressam com clareza uma das características da poesia da primeira geração modernista: fragmentação caótica de imagens.

### 13. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Os poemas foram escritos em momentos diferentes da história do Brasil e da trajetória de Carlos Drummond de Andrade. O primeiro foi publicado em 1945; o segundo, 1951.

A partir da leitura dos dois poemas, são feitas as seguintes observações.

- I. O pessimismo do autor, expresso na feiura da flor, altera-se muito pouco se considerarmos o reconhecimento do eu lírico de que seu verso é antipático.
- II. Mesmo tomando como recorte da obra de Carlos Drummond somente os dois poemas, é possível perceber uma mudança radical de objeto poético; no primeiro poema, o eu lírico manifesta preocupação social; no segundo, demonstra sua obsessão em Claro Enigma, a própria poesia.
- III. O poema “oficina irritada” sintetiza um duplo movimento do eu lírico, uma poesia voltada para si, que toma como matéria prima a própria angústia do poeta e o desafio de se fazer uma poesia com um material tão antilírico.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
- b) Somente a afirmação II é correta.
- c) Todas as afirmações são corretas
- d) Somente a afirmação III é correta.
- e) As afirmações I e III são corretas.





#### 14. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. Disponível em: <https://tinyurl.com/y29zsn6z>. Acesso em: 23 out. 2020.



Drummond é um complexo poeta conhecido contraditoriamente tanto pelo seu pessimismo quanto pela sua esperança. Em todo caso, seus poemas frequentemente lidam com forças em choque. Então, nesse poema, o eu lírico:

- a) acredita que o fato de proferir verbalmente certos mantras ajuda a superar situações difíceis.
- b) valoriza a divisão social do trabalho, exaltando-a como solução possível contra a opressão.
- c) honra a memória da abolição da escravidão, quando resgata ideais revolucionários.
- d) acusa aqueles que não acolhem pessoas vulneráveis, como mulheres e crianças.
- e) cerceia uma concepção de vida limitada às fantasias sem conexão com a realidade.

### 15. (Estratégia Vestibulares – 2020)

#### Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte

Eu sou a Moça-Fantasma  
que espera na Rua do Chumbo  
o carro da madrugada.

Eu sou branca e longa e fria,  
a minha carne é um suspiro  
na madrugada da serra.

Eu sou a Moça-Fantasma.  
O meu nome era Maria,  
Maria-Que-Morreu-Antes.

Sou a vossa namorada  
que morreu de apendicite,  
no desastre de automóvel  
ou suicidou-se na praia  
e seus cabelos ficaram  
longos na vossa lembrança.

Eu nunca fui deste mundo:  
Se beijava, minha boca  
dizia de outros planetas  
em que os amantes se queimam  
num fogo casto e se tornam



estrelas, sem ironia.

(...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento de mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 12)

O regionalismo foi uma vertente que impregnou não só a prosa modernista desse período, como também a poesia. Esse traço pode ser verificado no(a):

- a) relação amorosa entre os jovens namorados.
- b) desaparecimento do traço idealista romântico.
- c) assunção de um ponto de vista feminino pelo escritor.
- d) superstição acerca de certas lendas locais.
- e) morbidez ultrarromântica no tratamento da morte.



## 4.2 – Gabarito

1. C
2. A
3. E
4. B
5. B
6. A
7. B
8. B
9. C
10. C
11. B
12. C
13. D
14. D
15. D

## 4.3 – Exercícios comentados

### 1. (ITA/2005)

O livro “Claro Enigma”, uma das obras mais importantes de Carlos Drummond de Andrade, foi editado em 1951. Desse livro consta o poema a seguir.

#### Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.  
Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.  
As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.  
Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. “Claro Enigma”, Rio de Janeiro: Record, 1991.)

Sobre esse texto, é correto dizer que

- a) a passagem do tempo acaba por apagar da memória praticamente todas as lembranças humanas; quase nada permanece.
- b) a memória de cada pessoa é marcada exclusivamente por aqueles fatos de grande impacto emocional; tudo o mais se perde.
- c) a passagem do tempo apaga muitas coisas, mas a memória afetiva registra as coisas que emocionalmente têm importância; essas permanecem.
- d) a passagem do tempo atinge as lembranças humanas da mesma forma que envelhece e destrói o mundo material; nada permanece.
- e) o homem não tem alternativa contra a passagem do tempo, pois o tempo apaga tudo; a memória nada pode; tudo se perde.

#### Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. O poeta não menciona a proporção do que será apagado, ou seja, ele não afirma que o “tempo acaba por apagar da memória praticamente todas as lembranças” . Alternativa "B" está incorreta. O eu lírico fala do esquecimento, mas não menciona se os eventos que não são esquecidos são os de grande impacto; ele não define o que será lembrado.



Alternativa "C" está correta. O poema destaca que várias coisas sensíveis não serão lembradas ("a passagem do tempo apaga muitas coisas), mas algumas que já são findas, já se foram, provavelmente as mais importantes sob a perspectiva afetiva, ficarão na memória.

Alternativa "D" está incorreta. O tema da velhice não foi tematizado no poema.

Alternativa "E" está incorreta. O poema afirma que algo fica na memória, o tempo não apaga tudo.

### Gabarito: C

#### Texto para as próximas questões:

##### O elefante

Fabrico um elefante  
de meus poucos recursos.  
Um tanto de madeira  
tirado a velhos móveis  
talvez lhe dê apoio.  
E o encho de algodão,  
de paina, de doçura.  
A cola vai fixar  
suas orelhas pensas.  
A tromba se enovela,  
é a parte mais feliz  
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,  
dessa matéria pura  
que não sei figurar.  
Tão alva essa riqueza  
a espojar-se nos circos  
sem perda ou corrupção.  
E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante  
pronto para sair  
à procura de amigos  
num mundo enfatiado  
que já não crê em bichos  
e duvida das coisas.  
Ei-lo, massa imponente  
e frágil, que se abana  
e move lentamente  
a pele costurada  
onde há flores de pano

e nuvens, alusões  
a um mundo mais poético  
onde o amor reagrupa  
as formas naturais.

Vai o meu elefante  
pela rua povoada,  
mas não o querem ver  
nem mesmo para rir  
da cauda que ameaça  
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora  
as pernas não ajudem  
e seu ventre balofo  
se arrisque a desabar  
ao mais leve empurrão.  
Mostra com elegância  
sua mínima vida,  
e não há cidade  
alma que se disponha  
a recolher em si  
desse corpo sensível  
a fugitiva imagem,  
o passo desastrado  
mas faminto e tocante.  
Mas faminto de seres  
e situações patéticas,  
de encontros ao luar  
no mais profundo oceano,  
sob a raiz das árvores  
ou no seio das conchas,  
de luzes que não cegam  
e brilham através  
dos troncos mais espessos.  
Esse passo que vai  
sem esmagar as plantas  
no campo de batalha,

à procura de sítios,  
segredos, episódios  
não contados em livro,  
de que apenas o vento,  
as folhas, a formiga  
reconhecem o talhe,  
mas que os homens  
ignoram,  
pois só ousam mostrar-se  
sob a paz das cortinas  
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite  
volta meu elefante,  
mas volta fatigado,  
as patas vacilantes  
se desmancham no pó.  
Ele não encontrou  
o de que carecia,  
o de que carecemos,  
eu e meu elefante,  
em que amo disfarçar-me.  
Exausto de pesquisa,  
caiu-lhe o vasto engenho  
como simples papel.  
A cola se dissolve  
e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,  
qual mito desmontado.  
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.



## 2. (IME - 2019)

No poema, considerando o elefante fabricado artesanalmente como uma alegoria para falar da arte, mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- a) divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- b) invisibilidade da coisa criada.
- c) anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- d) fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- e) banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.

**Comentários:** O elefante do poema alegoriza a própria ideia de obra de arte. O artista cria sua obra no seu ateliê, isolado do mundo, sem contato com outras pessoas. Até o momento em que uma obra de arte é vista pelo público, ela não diz nada. Para que ela comunique sua mensagem, deve se encontrar com as pessoas. Por isso, quando manda seu elefante para as ruas, o poeta está tentando levar à rua aquilo que antes era só seu, íntimo. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois quem manda uma obra para a rua quer que ela seja conhecida, não inviabilizada.

A alternativa C está incorreta, pois a incomunicabilidade nasce da falta de capacidade de se conectar com o próximo e à alienação do homem contemporâneo, não ao barulho das ruas.

A alternativa D está incorreta, pois a responsabilidade do artista é criar arte e comunicar sua mensagem. Mandar o elefante para a rua é cumprir com sua responsabilidade.

A alternativa E está incorreta, pois mandar a obra para a rua não banaliza o sentimento. O que prejudica a intenção do poeta é o fato de não ser possível a comunicação entre as pessoas e a arte.

**Gabarito: A**

## 3. (IME - 2019)

Considere os versos 19 a 23 do poema, transcritos abaixo:

“E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.”

Abaixo, você encontrará alguns ditados populares elencados. Qual destes ditados mais se aproxima da ideia veiculada no verso 23, “alheia a toda fraude”?

- a) “Fazer o bem sem olhar a quem.”
- b) “O pior cego é aquele que não quer ver.”
- c) “Perto dos olhos, longe do coração.”
- d) “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.”

e) “Os olhos são a janela da alma.”

**Comentários:** É nos olhos do elefante que se encontra a parte mais sincera. “alheia a toda fraude” significa “que não engana”, “afastada das enganações”. O dito “Os olhos são a janela da alma” significa que os olhos são a parte do corpo incapaz de mentir. A partir dos olhos se pode perceber o que passa no íntimo de alguém. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “Fazer o bem sem olhar a quem” significa que se deve fazer aquilo que se crê ser certo independente de qualquer expectativa de recompensa ou escolha, fazendo o bem a qualquer um, não só a quem interessa.

A alternativa B está incorreta, pois “O pior cego é aquele que não quer ver” significa que nós mesmos nos enganamos, optando por não enxergar aquilo que não queremos. E o autoengano é o pior tipo de engano que há.

A alternativa C está incorreta, pois “Perto dos olhos, longe do coração” significa que muitas vezes algo ou alguém que está distante de nós, continua sendo objeto de nosso afeto e, por isso, está próximo do nosso coração.

A alternativa D está incorreta, pois “Em terra de cego, quem tem um olho é rei” significa que dependendo da situação se encontra em maior ou menor vantagem. É comparação com os outros e o ambiente nos torna melhores ou piores. Alguém bom em uma situação, poderia ser considerado ruim em outra.

**Gabarito: E**

#### 4. (IME – 2019)

O poema *O elefante*

a) anuncia, por meio da alegoria do animal, que o tamanho dos problemas dos adultos é inversamente proporcional ao tamanho do elefante, sendo, ao mesmo tempo, um poema direcionado às crianças.

b) estabelece uma relação criador/criatura e, metaforicamente, é possível falar de um paralelo entre arte/artista: o conteúdo produzido pelo artista é causa e consequência, ao mesmo tempo, do trabalho do poeta com as palavras.

c) desconecta o elefante (criação) de seu criador, retirando deste toda a sua capacidade criativa.

d) mostra a criatura, o elefante, como algo definido e único: criá-lo é tão trabalhoso que não há possibilidade de criar outros elefantes.

e) revela, metaforicamente, um descuido com o fazer poético ao descrever a deselegância do elefante mal construído, que segue pelas ruas de modo desequilibrado.

**Comentários:** O elefante do poema é uma alegoria para a obra de arte. As referências à manufatura da obra são um dos índices mais explícitos dessa associação. Ao mesmo tempo, o poema é escrito na primeira pessoa, dando a entender que poderia também ser uma fala do próprio poeta, cuja obra de arte é o poema. O poeta escreve para comunicar-se com os outros, mas a impossibilidade de se comunicar é aquilo que o impulsiona, por fim, a seguir tentado criar sua obra. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o poema discute questões profundas como o papel da arte e a alienação do homem. Não é possível dizer que tal conteúdo é mais adequado para crianças apenas por se basear numa proposta lúdica.

A alternativa C está incorreta, pois criatura e criador estão absolutamente conectados. O problema é que o ser humano não consegue se conectar com a obra de arte e, por isso, sua mensagem não chega a ser passada.

A alternativa D está incorreta, pois o poema finaliza com a ideia de que o elefante volta destruído para casa, mas no dia seguinte o criador recomeçará seu trabalho, seja consertando esse elefante ou criando outro.

A alternativa E está incorreta, pois o no início do poema, ao descrever a manufatura do animal, revela o extremo cuidado do artista para com sua obra.

### **Gabarito: B**

#### **5. (Estratégia Vestibulares – 2021)**

Leia o texto a seguir, do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à próxima questão.

#### Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das  
[igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos  
[democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da  
[morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e  
[medrosas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 20).

Sobre os aspectos formais e temáticos do poema, pode-se dizer:



- a) O texto apresenta métrica única e exalta o sentimento de impotência do eu lírico diante das transformações de sua realidade.
- b) O texto é composto por versos livres e retrata uma mudança de posição do eu lírico em relação ao que sua poesia deve tematizar: não mais o amor, e sim o medo.
- c) O texto não possui versos brancos em sua forma e, além disso, opta por expressar aquilo que se sente em um fluxo de consciência, registro em conformidade com os ideais da poesia contemporânea.
- d) O texto retrata a dor do eu lírico, cujo início se dá na constatação de que o mundo é brutal e que, portanto, não se deve cantar o amor. Está em conformidade com o Romantismo tardio.
- e) O texto reforça os neologismos da terceira geração modernista que, sendo predominantemente regionalista, faz com que o eu lírico se volte para o memorialismo de sua cidade natal.

**Comentários:**

Alternativa A: incorreta. O texto não apresenta métrica única ao longo dos versos. Há variação.

Alternativa B: correta – gabarito. O texto é composto por versos livres (sem métrica definida) e retrata uma mudança de perspectiva do eu lírico. Não será cantado mais o amor, cantar-se-á o medo. Isso porque se trata de um poema modernista, movimento artístico-literário que tende a abandonar o idealismo amoroso romântico.

Alternativa C: incorreta. O texto possui versos brancos (sem rima) e, além disso, pertence ao movimento literário modernista, não à poesia contemporânea.

Alternativa D: incorreta. O texto, como dito na alternativa C, pertence ao Modernismo e não ao Romantismo.

Alternativa E: incorreta. Carlos Drummond de Andrade é um poeta da transição da segunda para a terceira geração modernista. Além disso, tecnicamente, os neologismos (construções de palavras novas) são um procedimento utilizado predominantemente por Guimarães Rosa, escritor da terceira geração modernista, que caiu tanto na 1ª quanto na 2ª aplicação do vestibular UNESP 2021.

**Gabarito: B**

Texto para as próximas questões:

**Mãos Dadas**

Carlos Drummond de Andrade





Não serei o poeta de um mundo caduco  
Também não cantarei o mundo futuro  
Estou preso à vida e olho meus companheiros  
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças  
Entre eles, considero a enorme realidade  
O presente é tão grande, não nos afastemos  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história  
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela  
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida  
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes  
A vida presente

(Carlos Drummond de Andrade. Sentimento do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

## 6. (Estratégia Vestibulares – 2020)

A poesia Mãos dadas pode ser considerada como representativa do estilo do autor, Carlos Drummond de Andrade, pois

- a) demonstra preocupação social, muitas vezes aliada a temas filosóficos ou metafísicos.
- b) se constrói a partir de ironias e humor como forma de crítica à sociedade.
- c) é muito introspectiva e filosófica, alternando entre a religiosidade e o erotismo.
- d) apresenta aspectos memorialistas, além de jogos de som e musicalidade.
- e) apresenta menor importância literária do que suas crônicas.

Comentários:

Alternativa A, correta: Pois esses são alguns dos traços mais importantes da poesia de Drummond.

Alternativa B, incorreta: Pois não há ironia tampouco humor no poema em questão.

Alternativa C, incorreta: Pois isso seria uma característica de Vinícius de Moraes, não Drummond.

Alternativa D, incorreta: Pois jogos de som e musicalidade não são traços tão representativos do autor.

Alternativa E, incorreta: Pois a produção poética de Drummond é considerada tão importante quanto ou mais que sua produção de crônicas.

**Gabarito: A**

## 7. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Sobre o poema em questão é possível afirmar que

- a) pertence à Primeira Geração Modernista, que tem como uma de suas características a poesia espiritualista, com temas filosóficos.



- b) pertence à Segunda Geração Modernista, que tem como uma de suas características a poesia voltada para a crítica social.
- c) pertence à Terceira Geração Modernista, cujo traço mais marcante é uma poesia de cunho regionalista.
- d) pertence à Literatura Marginal, o que se comprova pelos temas pouco elevados e a forma poética livre.
- e) pertence à literatura contemporânea, tendo como traço marcante os versos brancos e livres, ou seja, sem métrica ou rima.

**Comentários:**

Alternativa A, incorreta: Pois Drummond é um autor da Segunda Geração Modernista e a poesia da Primeira Geração não é espiritualista.

Alternativa B, correta: Pois Drummond é um autor da Segunda Geração Modernista e uma das características desse movimento é a poesia de cunho social.

Alternativa C, incorreta: Pois Drummond é um autor da Segunda Geração Modernista, cuja poesia não se classifica como regionalista.

Alternativa D, incorreta: Pois Drummond é um autor da Segunda Geração Modernista e os temas de sua poesia alternam entre o cotidiano e questões filosóficas/existenciais.

Alternativa E, incorreta: Pois ainda que essas características se apliquem, a poesia de Drummond não é parte da literatura contemporânea.

**Gabarito: B****8. (Estratégia Vestibulares – 2020)**

Sobre o poema *Mãos Dadas*, é correto afirmar que

- a) nele, o eu-lírico desiste de sua atuação social ao afirmar que não cantará mais esse mundo.
- b) ainda que aparente um ar melancólico, é possível compreender laivos de esperança.
- c) o eu-lírico nega o amor, ao afirmar que não é possível ter bons sentimentos no presente.
- d) o eu-lírico busca uma fuga à realidade penosa do presente através da produção artística.
- e) há um elogio à solidariedade, pois é ela que permite o surgimento do sentimento amoroso.

**Comentários:**

Alternativa A, incorreta: Pois o poema aponta para a importância de olhar para o presente, mais do que o passado e o futuro, o que não significa que o poeta não fará críticas.

Alternativa B, correta: Pois o poeta diz que mesmo taciturnos, os homens nutrem grandes esperanças e é para eles que olhará em sua poesia.

Alternativa C, incorreta: Pois o poeta não aponta para a inexistência de bons sentimentos—já que há esperanças —mas sim que não quer cantar as idealizações românticas, mas sim os homens do presente.

Alternativa D, incorreta: Pois o eu-lírico usa a arte para compreender a realidade, não fugir dela.

Alternativa E, incorreta: Pois o poeta em nenhum momento aponta para o desejo de sentimentos amorosos.

**Gabarito: B**

Leia a seguir o poema “Morte do leiteiro”, do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) para responder às próximas questões

**MORTE DO LEITEIRO**

Há pouco leite no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há muita sede no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.  
Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
Sua lata, suas garrafa  
se seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho  
e veio do último subúrbio  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força  
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca  
não tem tempo de dizer



as coisas que lhe atribuo  
nem o moço leiteiro ignaro,  
morados na Rua Namur,  
empregado no entreposto,  
com 21 anos de idade,  
sabe lá o que seja impulso  
de humana compreensão.  
E já que tem pressa, o corpo  
vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos  
também escondesse gente  
que aspira ao pouco de leite  
disponível em nosso tempo,  
avancemos por esse beco,  
peguemos o corredor,  
depositemos o litro...  
Sem fazer barulho, é claro,  
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil  
de passo maneiro e leve,  
antes desliza que marcha.  
É certo que algum rumor  
sempre se faz: passo errado,  
vaso de flor no caminho,  
cão latindo por princípio,  
ou um gato quizilento.  
E há sempre um senhor que acorda,  
resmunga e torna a dormir.



Mas este acordou em pânico  
(ladrões infestam o bairro),  
não quis saber de mais nada.  
O revólver da gaveta  
saltou para sua mão.  
Ladrão? se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.  
Se era noivo, se era virgem,  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono  
de todo, e foge pra rua.  
Meu Deus, matei um inocente.  
Bala que mata gatuno  
também serve pra furtara vida de nosso irmão.  
Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho de meu pai.  
Está salva a propriedade.  
A noite geral prossegue,  
a manhã custa a chegar,  
mas o leiteiro  
estatelado, ao relento,  
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,  
no ladrilho já sereno  
escorre uma coisa espessa  
que é leite, sangue... não sei.





Por entre objetos confusos,  
mal redimidos da noite,  
duas cores se procuram,  
suavemente se tocam,  
amorosamente se enlaçam,  
formando um terceiro tom  
a que chamamos aurora.

DRUMMOND, Carlos Andrade de. Morte do leiteiro. In: A rosa do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 84).

## 9. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Acerca da técnica utilizada no poema, é INCORRETO inferir que

- a) mais para o fim do verso, depois de já introduzida a personagem do leiteiro, o eu lírico demonstra empatia com ele, em uma tentativa de aproximação.
- b) é observado o emprego do prosaísmo, no sentido que se descreve uma situação do cotidiano e uma personagem comum: o leiteiro.
- c) no verso “Meu Deus, matei um inocente”, o eu lírico confessa seu crime e tenta se redimir com o leiteiro.

o eu lírico frequentemente mostra-se intrometido, opinando quanto aos fatos que narra, mediante expressões como: “é claro”, “é certo” e “sempre”.

no verso “Está salva a propriedade” há, ao menos, duas figuras de linguagem: o hipérbato e a ironia.

### Comentários:

Alternativa A, correta: Essa tentativa é estabelecida mediante o uso do termo: “meu leiteiro”. À medida que vai narrando a história do leiteiro, o eu lírico vai compadecendo-se dele, pintando todo um cenário para que sigamos o mesmo caminho de simpatia. No fim, a aproximação também é lançada ao leitor, quando o eu lírico emprega a primeira pessoa do plural: “a que chamamos aurora”.

Alternativa B, correta: Ao longo do poema, por mais que sejam nobres as ações do leiteiro e sua postura trabalhadora, ele não é heroicizado, no sentido de que não é idealizado. Trata-se de uma pessoa comum, um jovem tentando ganhar a vida.

Alternativa C, incorreta: Nesse verso, o eu lírico reproduz a fala de quem teria cometido o crime; porém, ele em si não é o criminoso.

Alternativa D, correta: Expressões que se encontram nestes versos: “Sem fazer barulho, é claro /que barulho nada resolve” e “É certo que algum rumor / sempre se faz”. Com isso, o eu lírico revela-se subjetivo e parcial.

Alternativa E, correta: Hipérbato, pois há inversão na ordem direta (“A propriedade está salva” → “Está salva a propriedade”), a fim de enfatizar a importância do adjetivo “salva”. Ironia, porque a propriedade parece ser mais valorizada do que a vida humana.

### **Gabarito: C**

#### **10. (Estratégia Vestibulares – 2020)**

A prosopopeia é um recurso expressivo que ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais. Os versos nos quais ela é verificada são:

- a) “Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.”
- b) “Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.”
- c) “Sua lata, suas garrafa  
se seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho”
- d) “E já que tem pressa, o corpo  
vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.”
- e) “Ladrão? se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.”

#### **Comentários:**

Alternativa A, incorreta: Legenda no caso é sinônimo de senso comum. Consiste em uma das ironias drummondianas: como se todos os ladrões fossem necessariamente, invariavelmente, pessoas más e a questão justiceira fosse um lema a ser seguido

Alternativa B, incorreta: Trecho narrativo, em que o eu lírico mostra um juízo de valor: as pessoas que recebem o produto não são tão dignas assim da qualidade dele.

Alternativa C, correta: Também chamada de personificação. No caso, o barulho de latas, de garrafas e até mesmo da galocha anunciam a presença do leiteiro. “Dizer” é uma ação humana que está sendo atribuída a esses objetos.

Alternativa D, incorreta: A inversão entre “uma mercadoria apenas” e “uma apenas mercadoria” no último verso dessa alternativa alerta para o fato de que o trabalho do leiteiro corresponde a uma

mercadoria, a um serviço pago. Ele paga seu trabalho com a própria vida, para que a mercadoria, o leite, possa ser entregue confortavelmente nas casas. Embora nobre, pois propicia alimento para pessoas antes que elas acordem, seu trabalho nem sempre é reconhecido. Não é nem mesmo visto (invisivelmente, na calada da noite, o leite é entregue).

Alternativa E, incorreta: Repetição da tragédia já anunciada na primeira estrofe. Consiste em uma ironia trágica.

---

**Gabarito: C****11. (Estratégia Vestibulares – 2020)**

Nesse poema, o tom predominante do eu lírico é

- a) trabalhador
- b) denunciante
- c) sedento
- d) vingativo
- e) parcimonioso

**Comentários:**

Alternativa A, incorreta: O trabalhador é o leiteiro, não o eu lírico.

Alternativa B, correta: Ou denunciador; o eu lírico começa o poema em tom de denúncia, contando várias situações sociais do país: “Há pouco leite no país” e “Há muita sede no país”. São constatações de necessidades que justificam as ações do leiteiro: acordar cedo, sofrer na labuta do seu trabalho, inclusive correndo riscos. No fundo, narra-se como o leiteiro foi vítima de um acidente no qual acaba perdendo a vida.

Alternativa C, incorreta: Cuidado: o eu lírico diz no poema que há sede no país, mas não necessariamente se inclui entre aqueles que passam sede.

Alternativa D, incorreta: O poema termina com a imagem do sangue derramado pelo crime e do leite carregado na profissão unindo-se no asfalto para formar um terceiro tom, o que não representa necessariamente vingança. Pelo contrário, uma possibilidade vai se formando: “duas cores se procuram / suavemente se tocam / amorosamente se enlaçam”.

Alternativa E, incorreta: Essa palavra significa “parco”, “econômico”, o que não vem ao caso.

---

**Gabarito: B**

Textos para as próximas questões:

**Texto I**

(...)

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.



Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Fudou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(“A flor e as Náusea” poema do livro Rosa do Povo, publicado em 1945)

## **Texto II**

oficina irritada  
Eu quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,  
não desperte em ninguém nenhum prazer.  
E que, no seu maligno ar imaturo,  
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro  
há de pungir, há de fazer sofrer,  
tendão de Vênus sob o pedicuro.



Ninguém o lembrará: tiro no muro,  
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,  
claro enigma, se deixa surpreender.

## 12. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Comparando a estilística e o aspecto formal dos poemas, assinale a alternativa correta.

- a) Os dois poemas se valem do mesmo recurso de construção poética, diferem somente no uso de figuras de linguagem, pois o “a flor e a náusea” se estrutura em torno de apenas uma metáfora.
- b) Percebe-se, nos dois poemas, o uso frequente do paralelismo sintático como elemento mais importante do estilo de Carlos Drummond de Andrade.
- c) No que diz respeito à forma, em “oficina irritada”, o poeta retorna à influência clássica, enquanto, em “A flor e a náusea”, ele manifesta sua ligação forte com a primeira geração modernista.
- d) Nos dois poemas, o eu lírico se vale do mesmo procedimento: escolhe uma figura alegórica e, em torno dela, constrói uma ambientação.
- e) Os dois poemas expressam com clareza uma das características da poesia da primeira geração modernista: fragmentação caótica de imagens.

### Comentários:

Alternativa A, incorreta: O primeiro poema foi construído em verso livre, o segundo é um soneto

Alternativa B, incorreta: Nos dois, o poeta se vale de paralelismo, que se traduz por repetir um mesmo verbo e mudar o objeto direto ou o sujeito, contudo, esse não é o elemento mais importante dos poemas.

Alternativa C, correta: Em “oficina irritada”, o poeta se vale do soneto, forma clássica por excelência; já a “Flor e a náusea” é um poema escrito em versos livres, traço próprio da primeira geração modernista.

Alternativa D, incorreta: Em “A flor e a náusea”, a afirmação é verdadeira, pois o poema é construído em torno da metáfora “flor”; no caso de “oficina irritada”, o poema se desenvolve em torno do sujeito “soneto duro”, soneto não é uma metáfora.

Alternativa E, incorreta: No primeiro poema, a ambientação da flor é bem coerente, não há fragmentação como se observa no segundo, no qual as imagens da última estrofe são fragmentadas.

### Gabarito: C

## 13. (Estratégia Vestibulares – 2020)

Os poemas foram escritos em momentos diferentes da história do Brasil e da trajetória de Carlos Drummond de Andrade. O primeiro foi publicado em 1945; o segundo, 1951.

A partir da leitura dos dois poemas, são feitas as seguintes observações.





I. O pessimismo do autor, expresso na feiura da flor, altera-se muito pouco se considerarmos o reconhecimento do eu lírico de que seu verso é antipático.

II. Mesmo tomando como recorte da obra de Carlos Drummond somente os dois poemas, é possível perceber uma mudança radical de objeto poético; no primeiro poema, o eu lírico manifesta preocupação social; no segundo, demonstra sua obsessão em Claro Enigma, a própria poesia.

III. O poema “oficina irritada” sintetiza um duplo movimento do eu lírico, uma poesia voltada para si, que toma como matéria prima a própria angústia do poeta e o desafio de se fazer uma poesia com um material tão antilírico.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
- b) Somente a afirmação II é correta.
- c) Todas as afirmações são corretas
- d) Somente a afirmação III é correta.
- e) As afirmações I e III são corretas.

**Comentários:**

A afirmação I está incorreta. De 1945 para 1951, Carlos Drummond de Andrade abandona uma perspectiva esperançosa, vinda da esperança de uma integração com o social. Em Enigma, o eu lírico mergulha em suas angústias sem remissão. Isso se observa nos poemas. No primeiro, a flor é metáfora da esperança; no segundo, o poema deve ser duro, sem esperança.

A afirmação II está incorreta. A poesia metalinguística sempre foi um tema de Carlos Drummond e não é uma obsessão de Claro Enigma. Há vários temas no livro.

A afirmação III está correta. O poema difícil está expresso nos primeiros versos. O poeta quer escrever algo difícil, antipoético. O motivo dessa opção é verificado pela leitura da obra. Drummond utiliza seu balanço de vida como matéria angustiante da poesia.

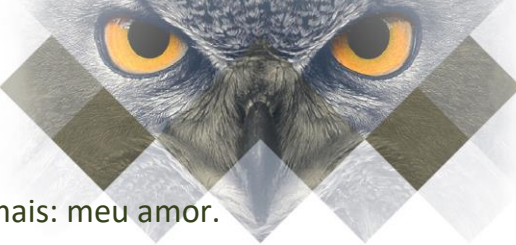
**Gabarito: D**

**14. (Estratégia Vestibulares – 2020)**

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.



Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. Disponível em: <https://tinyurl.com/y29zsn6z>. Acesso em: 23 out. 2020.

Drummond é um complexo poeta conhecido contraditoriamente tanto pelo seu pessimismo quanto pela sua esperança. Em todo caso, seus poemas frequentemente lidam com forças em choque. Então, nesse poema, o eu lírico:

- a) acredita que o fato de proferir verbalmente certos mantras ajuda a superar situações difíceis.
- b) valoriza a divisão social do trabalho, exaltando-a como solução possível contra a opressão.
- c) honra a memória da abolição da escravidão, quando resgata ideais revolucionários.
- d) acusa aqueles que não acolhem pessoas vulneráveis, como mulheres e crianças.

e) cerceia uma concepção de vida limitada às fantasias sem conexão com a realidade.

Comentários:

Alternativa A, incorreta: Pelo contrário: nem mesmo mais falar resulta em algum poder. Falar “meu amor” não vai fazer o amor significar mais; pelo contrário, o eu lírico denuncia a inutilidade desse sentimento em tempos que a humanidade parece ter se esquecido dele.

Alternativa B, incorreta: As mãos que tecem um rude trabalho representam a realidade imponente que contrasta com olhos que não sabem mais chorar. Algum trabalho precisa ser feito, ainda que sem emoção e sentimentalismo.

Alternativa C, incorreta: A liberdade não é tratada de maneira honrada. Pelo contrário, o eu lírico impactado quando diz que nem mesmo na modernidade todos se libertaram. Isso porque há muitas outras formas de escravidão para além da física.

Alternativa D, correta: Acusa o leitor (“não abrirás”) de recusar ajuda a vulneráveis, mas o texto menciona “mulheres”; e também o mundo como pesa, como a mão de uma criança que pede ajuda, que toca em ombros, nem sempre neles encontrando apoio. De que adianta envelhecer em um mundo que não se importa com crianças?

Alternativa E, incorreta: “Cercear” significa impedir, no caso, uma vida limitada. A vida não é limitada, ela é desmistificada; portanto, urgente, real, bruta.

**Gabarito: D**

### 15. (Estratégia Vestibulares – 2020)

#### Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte

Eu sou a Moça-Fantasma  
que espera na Rua do Chumbo  
o carro da madrugada.

Eu sou branca e longa e fria,  
a minha carne é um suspiro  
na madrugada da serra.

Eu sou a Moça-Fantasma.  
O meu nome era Maria,  
Maria-Que-Morreu-Antes.

Sou a vossa namorada  
que morreu de apendicite,  
no desastre de automóvel  
ou suicidou-se na praia



e seus cabelos ficaram  
longos na vossa lembrança.  
Eu nunca fui deste mundo:  
Se beijava, minha boca  
dizia de outros planetas  
em que os amantes se queimam  
num fogo casto e se tornam  
estrelas, sem ironia.

(...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento de mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (p. 12)

O regionalismo foi uma vertente que impregnou não só a prosa modernista desse período, como também a poesia. Esse traço pode ser verificado no(a):

- a) relação amorosa entre os jovens namorados.
- b) desaparecimento do traço idealista romântico.
- c) assunção de um ponto de vista feminino pelo escritor.
- d) superstição acerca de certas lendas locais.
- e) morbidez ultrarromântica no tratamento da morte.

#### **Comentários:**

Alternativa A, incorreta: Não sabemos se são jovens. E, em todo caso, a moça é uma assombração; não que ela seja, de fato, uma namorada, mas ela diz isso como se pudesse assumir a forma de qualquer pessoa.

Alternativa B, incorreta: Cuidado: de fato, o último verso se propõe a expressar uma situação “sem ironia”, o que seria um traço modernista típico; porém, não é ele que atesta o regionalismo.

Alternativa C, incorreta: Atenção: esse procedimento também ocorre no poema, mas não é ele o responsável por retratar o regionalismo.

Alternativa D, correta: Como é o caso de uma moça que morrera e volta para assombrar a cidade, especificada já no título do poema.

Alternativa E, incorreta: A descrição cadavérica da mulher é para ressaltar seu caráter supersticioso.

#### **Gabarito: D**

---

## Considerações finais

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

**Prof.ª Celina Gil**



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão

1

Data

**27/08/2021**

Modificações

**Primeira versão do texto.**